

# O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO



**PREÇO DA ASSIGNATURA**

EM AVEIRO: anno (50 n.ºs) 1,500 rs.; semestre (25 n.ºs) 500 rs.  
 FORA D'AVEIRO: anno (50 n.ºs) 1,125 rs.; semestre (25 n.ºs) 370 rs.

**Publica-se aos Domingos**

As assignaturas devem ser totalmente pagas no meio do anno.

**PREÇO DAS PUBLICAÇÕES**

Na secção dos annuncios: cada linha 30 rs.  
 No corpo do jornal: cada linha 60 rs.  
 Numero avulso 30 rs.  
 Redacção e administração — rua Direita.

**EXPEDIENTE**

Pedimos a todos os nossos assignantes indistinctamente a fineza de nos desculparem da nossa folha não ter saído á luz no principio do corrente mez. Dependencias provenientes exclusivamente do material typographico que não nos tinha vindo em tempo competente motivou o retardamento da publicação do *Boo d'Aveiro*.

Apresentando-nos agora, estamos certos que seremos bem vindos e que viemos quando deviamos vir.

A REDACÇÃO.

**AVEIRO**

**SOBERANIA NACIONAL**

Antes do Estado, existiu a collectividade social, cuos poderes delegou em individuos encarregados de proverem ao bem estar de todos; esses poderes acumulados constituem na sua forma abstracta a auctoridade, que se foi falsificando em privilegios, em arbitrios, em despotismos, em autocratismos, n'essas monstruosidades, que na historia da civilização humana se chamam as dynastias, as monarchias, a realza absoluta, expoliando os povos da sua riqueza, liberdade e vida a titulo de um direito divino! Houve uma epoca importante da humanidade em que as sociedades, embora atrasadas, tiveram consciencia do seu poder; na Europa moderna ainda existem vestigios d'essas instituições democraticas em que a collectividade se congregava para delegar os seus poderes a novos magistrados politicos, e o que Freman observou na Suissa, é o mesmo que ha milhares de annos fazem as populações da Asia elegerem os seus chefes nos vales de Sotashindu. Para que os povos se esquecessem da sua independencia primitiva, despresassem a investitura da sua auctoridade, e a deixassem usurpar por classes, familia ou individuos, que extinguiram toda a liberdade individual, foi preciso envolver as sociedades em guerras permanentes,

**FOLHEIM**

**Dantón**

A revolução ia principiár. As sociedades agitavam-se n'uma convulsão medonha. O velho mundo desabava aos embates furiosos da civilização. A religião tholica, esteo vigoroso do absolutismo, escorria sangue das cegas aberturas pela Reforma e pela ciencia. Lutherô queimando publicamente em Wittenberg a bulla deão X que o condemnava, proclama abertamente a revolução religiosa, levantava no mundo um grito de liberdade, que depois de se passar do campo da religião para o campo da politica. Se os escambos inauditos da Igreja, se o seu poder absoluto e centralizador, avia lugar a que o espirito humanicesse, pro-

tes, para tornar necessaria a prepotencia dos chefes, e coadjuvar a accumulção da propriedade territorial nas mãos de um pequeno numero, que se tornou aristocracia, patriciado ou feudalismo, para que a miseria geral extinguisse todos os impulsos da dignidade. A humanidade, que se elevára na civilização grega á mais consciente manifestação do individualismo, recuou com as guerras romanas, como se vê pelo despotismo dos Césares, recuou com as invasões germanicas, como se vê com as tradições do Santo Imperio, recuou com as dynastias modernas como os Hapsbourg, com a casa de Austria, com os Brandeburg, com os Hannover, com os Bourbons, com os Orleans, com os Braganças, que eliminaram a liberdade dos povos para fazerem prevalecer o privilegio pessoal por graça de Deus. Diz Carel, o chefe da escola economica da America: «Os primeiros principios são sempre os últimos descobertos.» Foi assim, que só ao fim de millos seculos, é que os grandes espiritos da Renascença descobriram como base fundamental de toda a politica, que os governos não eram mais do que o mandatario da vontade da nação, e que a delegação da soberania nacional não era nem incondicional, nem irrevogavel, nem perpetua, mas sim transmitida ao mais competente para garantir a liberdade de todos.

Que vimos em Portugal, quando o throno estava prestes a ficar sem linha de successão pelos paroxismos do caideal-idiota D. Henrique? O procurador do povo, o honrado Phebo Moniz, vendo como a nobreza se endia em 1579 aos agentes de Philippe II, como o cleiro andava pelo bispo Pinheiro aliciando as consciencias dos outros procuradores, e como o proprio Prior do Crato pactuára sobre o preço da cederia dos seus pretendidos direitos o monarcha hespanhol, elle, com uma rara intuição de uma consciencia livre proclamou: — «Que ninguém tinha direito de discuir preferencias ao throno de Portugal, por que a nação é que era senhora dos seus destinos, e peos seus procuradores em côrtes é que transmitiria juridicamente a sua soberania.» Os vendidos abafaram esta voz unica mas sublime, e Philippe

desenvolver-se com o augmento das mathematicas, com o aperfeiçoamento da physica, que veio mostrar novas forças e novos recursos, e com a fundação da chimica, que aniquilou o imaginario para dar lugar ao real, acaba de destruir as velhas crenças e de mostrar ao homem novos horisontes e nova vida. E' neste momento, em que a intelligencia vagueava incerta, não acreditando no passado, mas temendo ainda aceitar o presente, que um facto extraordinario e novo vem sobresaltar a humanidade, chamando-lhe a attenção para a politica, e abalando-lhe profundamente a fé no direito divino.

Uma parte d'America do Norte levanta-se contra o jugo inglez a que estava sujeita, marcha para os campos da batalha aonde va reivindicar os seus direitos, aos gritos de—viva a Republica, e o mundo

carunchoso dos reis presenciar o espectáculo magnifico e grande de alguns milhões de homens constituirem, n'aquella parte abençoada do globo, debaixo d'aquelle ceu esplendido, n'aquella terra destinada a ser no futuro o foco da industria e da agricultura, uma nação independente e livre, fóra da acção de Deus e dos principes, delegando os seus poderes n'um governo que tinha um chefe d'eleição popular e temporaria.

Na França illustrada e nobre, de grandes inspirações e levantadas ideias tem o acontecimento um echo immenso. A população, descrente de Deus e do seu poder, sob uma impressão dolorosa, por que, carregada de impostos e sem trabalho, já sente a fome e o frio, ao passo que a côrte vivia nos bailes, nos jantares, no esplendor e no luxo, accusa o throno e amea-

çãos, ruínas de familias, e apesar de todas as campanhas liberaes, estamos no mesmo ponto de partida: as nossas instituições politicas não são fundadas pela vontade da nação, não são uma garantia do seu direito, são uma outorga, uma concessão ou favor de D. Pedro IV! Tal é a Carta de 1826; respiramos porque aos Braganças assim approveu. Como essa concessão foi uma evasiva do poder absoluto e não uma franqueza, porque ninguém dá o que não é seu, a Carta presta-se ás interpretações as mais estreitas, ou contradictorias conforme interessa a um Cabral ou a um Sampaio, conforme correm os tempos, se são 1842 a 1847, ou 1881. Portugal precisa saber d'esta situação degradante em que o collocou a ignorancia do seu direito; e no momento em que a nação tiver consciencia da sua soberania, ha de com certeza expurgar-a do vicio da hereditariade, e reavogal-a na fonte de todos os poderes — a eleição.

THEOPHILO BRAGA.

**FELICITAÇÃO DO "SEculo,"**

Meus amigos: — Cada jornal republicano, que se funda, é uma bateria a mais assestada contra a monarchia e os seus serventuarios egoistas e insaciaveis.

Felicitô-vos sinceramente por tão nobre empreendimento; e, em nome do *Seculo*, a elle adhiro com o supremo entusiasmo de quem vê no governo republicano a unica salvação possível aos males constitucionaes, que presentemente affligem o paiz, e ameaçam leveal-o, dentro em breve, a uma ruina inevitavel.

Luctando pela emancipação dos humilides e opprimidos da terra, cumprimos um dever sacratissimo, e saberemos merecer o futuro pelo rigoroso cumprimento do grande principio da solidariedade humana. É aspero o caminho, bem o sabeis. Por vezes vos assaltarão desgostos pungentissimos. Mas a verdadeira fé tudo suppre e tudo suavisa.

Aveiro, tomando sobre si a gloriosa tarefa de publicar e sustentar uma folha republicana, perpetua com honra e bizarro cavalheirismo, o nome immortal de José Estevão, seu filho estremecido. Applaudo-me duplamente com os meus amigos por esse feito me-

ca-o. Voltaire, d'Alembert, Diderot, Rousseau, Turgot e todos esses grandes homens da Encyclopedia dirigem e commandam o ataque. Luiz, o rei, tem medo e chora aos pés de Maria Antonieta. A dama aristocrata, a austriaca, a unigida do Senhor, tem um riso de soberano desprezo para a plebe e aconselha ao marido que chame em seu auxilio o estrangeiro. Pobre gente, eu vos lastimo! A sociedade estúpida, rasteira, servil é que vos fez maus. A realza não comprehende que milhões d'almas se deixem governar por ella sem um titulo qualquer. Esse titulo, não sendo a eleição, só pode ser o divino. A sua raça é portanto superior á dos outros mortaes e não tem que dar a estes satisfação dos seus actos. Para os reis só ha um tribunal... o do ceu. São razoa-

veis.

torio: em primeiro lugar, porque comprehenderam o seu dever, em uma época em que ninguém o comprehende e ainda menos o pratica; e segundo, porque, luctando com patriotismo e desassombro, pelos direitos sagrados dos povos n'uma pequena terra de provincia, onde a calumnia e a intriga tudo assoalhavam e contaminam, dão ao mesmo tempo uma prova de um grande espirito, incorruptivel e morigerado, que, atravez de tudo, saberá, tenho a certeza, manter-se no campo que a dignidade lhe impoz.

Recebei, com os protestos da mais inquebrantavel estima, um leal apêrto de mão

do vosso amigo sincero  
 Lisboa, 17 de janeiro  
 de 1882.

S. DE MAGALHÃES LIMA.

**PERSPECTIVAS POLITICAS**

Na actual condicionalidade da vida portugueza ostenta-se de uma maneira infindavel a republica como a governação capaz de parar a rapida e insanavel queda do paiz na bancarrota, no favoritismo, na inercia collectiva e individual, na preguiça, na exploração dos charlatães, na admiração cretina das papalvices estufiantes, enfim na abjecção servil das individualidades baloafas.

Portugal está sendo uma sociedade de opera comica. Dissolve-se idiotamente, depravando-se com a gargalhada alvar no meio do infortunio e demonstrando impotencia intellectiva e sensivel na falta de pranto ao descambar da vida. Não tem a comprehensão do seu estado. Está cachetico. Está Larivadiere. Está imbecil.

E para produzir a imbecillidade de um paiz nada mais efficaç que a successão subita e incompreensivel de partidos que se dizem antagonistas fóra do poder, mas que quando senhores d'elle se copiam com uma exactidão flagrante e escandalosa, dando os mesmos documentos de incapacidade e de relaxamento.

Os partidos regenerador e progressista, indistinctamente, tanto um como outro, na ancia de governar, na voracidade do predomínio, cancerados por uma inveja despotica e indomavel, chegam quando na opposição a insultar na sua pes-

soa e na sua familia o rei que adu- lam apenas conseguem ter um mi- nisterio seu. Isto é um facto tão sabido, tão vivo e irritante, que se- ria deshumanidade insistir n'elle.

Alem d'estes partidos havia o avilista, que se desfez e diluiu sem produzir differenciação apreciavel, e ha o constituinte que em mais de uma dezena de annos de inde- cisões, de alianças, de promessas platonicas, e mesmo de ingratiões para com os seus auxiliares tem perdido e vê cada vez mais dimi- nuídas as probabilidades de formar uma collectividade capaz de dirigir o paiz, e isto apesar do favor do seu nascimento, das differentes op- portunidades do seu desenvolvi- mento e da alta individualidade do do seu chefe e de alguns dos seus sequazes.

Como as estrellas no principio da noite, primeiro uma, depois ou- tas, em seguida muitas, surge o partido republicano primeiro em Lisboa, depois no Porto, Coimbra, Setubal, Villa Real, e em seguida por varios e muitos pontos do paiz dos quaes Aveiro não foi dos ul- timos.

Nem podia esta terra em que influe o vigoroso activismo dos Queiroz, dos Moraes, dos Osorios, dos Mellos, dos Coelho de Maga- lhães, de Mendes Leite, e de tan- tos outros propugnadores da liber- dade e da democracia, que ou na paz ou na guerra expozeram ás suas pessoas e os seus nomes aos perigos da vingança assassina ou diffa- madora, não podia esta terra ser das derradeiras a sentir a necessidade da organização do partido do povo pelo povo e a favor do povo. E isto sente-se e determina a realisação porque o povo é a massa geral e inteira da nação, não é a excepção das engrenagens poderosas, não é só o rico com o aristocrata, com o valido, e com o favorito de qual- quer acaso como a realza.

E se a noite, a escuridão dos partidos monarchicos favorece as scintillações sideraes dos appareci- mentos dos gremios republicanos nas varias direcções do horizonte do paiz, a presidencia de Mendes Leite ao governo do districto de Aveiro é uma garantia de liberda- de e de democracia, porque não irá conspirar estes dois sagrados prin- cipios o benemerito revolucionario de 1824 e de 1828, o emigrado de 1830 e de 1844, o conspirador de 1843 e 1846, o humanitario e glo- rioso auctor da abolição da pena de morte para os crimes politicos e o encarcerado de 1847 e 1848. Porque Mendes Leite não quer nem o seu espirito esclarecido e viril lhe pôde permitir que a sua corus- cante biographia, na maior parte parecida ás de O'Connell, Raspail e Blanqui, tenha nenhum capitulo de colorido mais hybridado que o dos eclipses e por ventura igual ao das tragi-comedias. Porque Men- des Leite sabe que só o partido republicano pôde apurar e defen-

der os principios pelos quaes mui- tas vezes offereceu a vida, e sabe que a lucta contra a republica nas condições evidentes do paiz mere- ce já hoje a casquinada perenne e demolidora do Antonio Maria e amanhã a Historia ha de procurar um Cervantes para a cantar.

A nenhum espirito, por menos orientado que seja para a observa- ção, é refractario o reconhecimento da gestação progressiva e lenz do partido republicano. As ultimas eleições bem como a formação cres- cente de gremios populares em to- das as direcções do paiz o demons- tram rigorosamente.

Aveiro melhor que nenhuma collectividade comprova a pureza, necessidade e urgencia do nasci- mento do partido republicano.

Democrata até á exaltação e conspicua desde a nossa primeira revolução liberal esta terra tem-se achado nos ultimos annos ora nas mãos de um partido que lhe empalmou n'uma eleição de deputados a candidatura patriótica e glorio- sa de José Estevam e que agora se intitula progressista sem inicar sequer que possui a noção lexico- logica do qualificativo, ora nas mãos de dois outros partidos, o regenerador e constituinte, que amanceba- dos accidentalmente e por conveni- encia egoista de opposição local, quasi sempre antagonistas nas cor- tes e mutas vezes amuados em Aveiro por caprichos e despeitos de predominio, nada produzem de beneficio, conseguindo apenas escandalisar com o espectáculo des- moralizador de uma aliança anoma- la, absurda e contraditoria para o fim exclusivo de soar pelas fla- tulencias do poderio.

Esta é sem duvida a aprecia- ção mais benevola que se pôde fazer dos tres partidos que em actos de golopinagem e diligencias do penacho do poder gastam as ini- ciativas da localidade, fazendo do cidadão e do eleitor o borrachão e o corrupto, o oprimido e o amea- çado, o indifferente e o retrahido, e o explorador e o vendilhão da dignidade humana. Porque actual- mente a eleição para as almas vir- gens e sinceras e um commissario inquisitorial, em que se inda- gam todas as fraquezas das condi- ções do individuo para d'ellas abusa- rem e por ellas o forcarem e ar- rastarem ao voto; e para as almas torpes um alcouce onde o eleitor se prostitue com todos e principal- mente com quem melhor paga ou o emborracha. O galopim eleitoral é o alcoviteiro de todas as baixe- zas e d'esse vergonhoso officio se applaude e vangloria, tão atascado anda no lameiro da desmoralisa- ção, e tão reles gradação marca a falta de caracter e o conhecimento do dever!

Não se passa eleição nenhuma sem que a imprensa e o parla- mento tenham occasião de fazer as negras e humilhadoras descripções da adulteração do voto; e as jere-

miades da opposição são photo- graphias dos seus actos quando trepa ao governo.

Esta repetição censuravel das mesmas incorrecções é o vicio or- ganico e irremediavel do systema monarchico-constitucional.

Um governo — em que o rei tem de ser uma chanceira custo- sissima e um papalvo ou um hy- pocrita dominador, a ranha uma fêmea escolhida por estranhos e em cujas qualidades só se distingue a pronica, os ministros uns equi- libristas entre a latuidade e a rea- lidade, entre a grã-cruz e uma de- missão, entre as reverencias á rea- leza e o desprezo da sinceridade popular, um governo assim em que os que estão em cima são ri- diculos, inuteis e dispendiosissi- mos ha de inevitavelmente levar como satelites a papalvice, o des- caro e a corrupção. N'este systema os ministros vivem da tolerancia do monarcha, e o povo da tolerancia dos ministros e dos influentes locais. Houve um impulso inicial, mas ephemero, enfermizo e dele- terio.

Não é precisa a comparação das leis com os seus resultados tanto no paiz como no estrangei- ro para reconhecer que a socieda- de portugueza vai definhando sob o systema monarchico até ao ponto de que o civismo é irrisorio. A nossa degeneração é um facto ex- cessivamente saliente.

Felizmente desponta um meio novo, uma nova condicionalidade hygienica.

Assim como as circumstancias climatologicas tem mudado no glo- bo, e principalmente na Europa, assim as suas condições sociaes.

Ao arrefecimento gradual e no- tavel da superficie terrestre cor- responde a diminuição da tempera- tura dos privilegios, das falsida- des, das adulações e dos predom- inios.

O equilibrio movel da tempera- tura é um facto tão exacto em phisica como em sociologia.

CARLOS FARIA.

CARTAS

Lisboa 26 de janeiro de 1882.

O assumpto que n'este momen- to mais prende as attentões de to- da a gente, o que se discute com mais calor nos centros politicos é a crise franceza. Os monarchicos, que andavam aterrados com a pre- sença do eminente estadista fran- cez no ministerio, manifestam o seu contentamento por todas as fórmas na esperança d'elle largar brevemente o poder. Como, porém, os seus desejos ainda não se rea- lisaram, e como a pressa é muita, inventam boatos pavorosos e ate- radores.

Ha dias, o ministro portuguez em Paris, enviava um telegramma ao nosso governo, dizendo-lhe que o ministerio francez se tinha de- mittido, e hontem o Diario de No-

peito, olhando com um grande des- dem para o plebeismo indigena, mas recebendo de braços abertos todos os argentarios devassos, para essa litteratura que um escriptor distinto denominou muito bem — cocotte — um ente insignificante e nullo. Para os especuladores politicos, para esses parasitas que vi- vem dos corpos sociaes decadentes, que os exploram, que os sugam, é simplesmente um tyranno. Para mim, desconhecido e ignora- do, que não faço opinião, é um homem de grande merecimento. De uma eloquencia apaixonada, ain- da que brutal, elle sabia arrastar atraz de si as multidões e desper- tar-lhes vivamente o nobilissimo sentimento do amor da patria.

Alma grande e generosa, vendo com desespero e magua profunda o estado miseravel da França rea- lista, revoltou-se dignamente con-

trarias publicava um outro do seu correspondente n'aquella cidade di- zendo-lhe que Gambetta havia si- do derrotado, e toda a gente se viu mais uma vez d'um e d'outro. O nosso grande embaixador acaba- bou de provar que não serviu para nada. Elle comprometteu o gover- no na questão do emprestimo de D. Miguel, elle fez com que o con- gresso litterario se não reunisse em Lisboa por occasião do centenario de Camões, elle não soube fazer com a França o tratado de com- mercio, ou pelo menos o governo portuguez assim o entendeu, por que maudou lá outro embaixador elle ainal, que ha de ser sempre elle, nem sequer sabia se o mini- terio do paiz em que se acha acre- ditado, tinha ou não cahido. E está

O Diario de Noticias, esse, co- tado, ha de ser sempre o mesmo parlapatão. Que o ministerio fran- cez está em vespas de se demit- tir, porque a camara que foi elida pela nação para rever a constitui- ção se nega agora a fazel-o da na- neira por que o exige Gambetta, ninguém o contesta, mas estas no- ticias, cuja origem ninguém les- conhece dão realmente vontade de rir.

—E' hoje que deve terminar o conflicto entre a camara france- za e o ministerio.

—Tem produzido aqui sensa- ção o facto do governo braileiro ter mandado pôr fóra do seuterrito- rio o subdito portuguez Joaquim de Vasconcelos, pelo crime, diz- se, de ser um dos redactores de um jornal republicano, porque o governo de sua magestade imperial não lhe deu a importancia de lhe declarar qual a razão porque pro- cedia d'uma maneira tão lespti- ca. Não ha que ver, como diaria- mente esboiteados por bds as nações estrangeiras, e é levar e calar por obra e graça dos santos governos que nos regem. O mini- stro dos negocios estrangeiros vai ser interpellado nas camaras por causa d'isto.

Estamos em fins de janeiro e ainda a camara dos deputados não discutiu nenhum projeto impor- tante. Os paes da patria, que tem obrigação de se conservarem em sessão durante cinco horas, che- gam á camara ás duashoras e ás quatro já estão a jantar. Que ra- ões! O José Dias que anda á bu- lha com os progressistas por cau- sa das reformas politicas em que todos pensam só em quanto estão na opposição, apresentou um pro- jecto de reforma eleitoral, que só serviria para favorecer ainda mais os governos; o Joaquin Gonçalves, deputado pelo Porto, em dito to- nioe bravia sobre os direitos politicos dos operarios invalidos; os mi- nistros embrulham-secom a ques- tão de Lourenço Marques e em tu- do isto se tem passado o tempo.

—A respeito de Lourenço Mar- ques parece-me que vamos ter no- va edição de tratado, não augmen-

tra as devassidões da corte e seus adeptos, pondo todo o seu talento ao serviço da revolução, que elle serviu lealmente, com abnegação, com carácter. Dotado de uma ener- gia pouco vulgar e reconhecendo a anarchia em que o seu paiz se achava, empregou medidas violentas, mas necessaria para o salvar, e iniciou a politica moderna- mente denominada opportunismo.

Garat, respondendo nas suas memorias aos que o accusaram de tyranno, exprime-se assim: «Dan- ton foi accusado de participação nos horrores de Setembro. Ignoro se elle fechou os seus olhos e os da Justiça quando se assassinava; mas sei que, ao passo que os homens de sangue a que se achava associado, pela maior victoria da liberdade, exterminavam, Danton, encobrando a sua piedade com bramidos, escon- dia á direita e á esquerda todas as

tada mas correcta. Os jornaes mi- nisteriaes appareceram n'um dia d'esses todos anchos, dizendo que a Inglaterra tinha desistido do dito. Mas qual? Averiguado o caso sou- be-se que a Inglaterra tinha desisti- do mas era do que dizia respeito ao Transval, isto é, daquillo que aincommodava mais, timando pela approvação do resto. E' caso para se dizer do jornaes ministeriaes— vierim para cardar e foram carda- dos.

Mas acnde irá para esta folia?

—O club Henriques Nogueira festejou brilhantemente no domín- go passado o primeiro anniversa- rio da sua fundação. O partido re- publicano teve muito a este club, que se pôde considerar hoje um dos primeiros de Lisboa.

—Correm batos de crise mi- nisterial. O Fontes diz que não pô- de mais com isto que já não pôde aturar as ambições dos seus cor- religionarios, que não tem dinhei- ro. Coitados, terrazão; elles é que hão de dar com isto em terra. De- vem ter medo mais de si, que dos proprios republicanos. De maneira que vamos ter outra vez dança progressista. E este partido, que saiu do poder odiado de toda a na- ção, lá vai outra vez enterrar mais o barco. E elles estão com tanta fome!... E o partido republicano cresce tanto!... Andae, andae, boa gente, e espere-lhe pelo re- sultado.

—Parece que sempre se cons- truirá na Avenida da Liberdade o sumptuoso palacio de crystal, ava- liado em centenas de contos. Esti- mamos.

—Tem sido regular a concor- rencia á exposição de arte orna- mental.

—Diz o Progresso que se ba- teram em duello, á espada, os srs. visconde d'Altas Moras e dr. Eugenio, ficando ferido este ultimo.

—Ante-hontem um carro ame- ricano esmigalhou um pé de um passageiro. Repetem-se bastas ve- zes estes desastres deploraveis.

Y

ESCRAVOS E SENHORES

Publicamos o soneto de Ma- nuel del Palacio muito bem rece- bido pela imprensa hespanhola e a que responde tambem brilhante- mente o nosso correligionario e poeta Gomes Leal n'outro soneto:

A VARIOS ESCRITORES POR- TUGUEZES

SONETO

Sorão rumor el Tago nos envia, que la injusticia y el error pregona; y quien de noble y de cortés blasona de lo errado y lo injusto se desvia.

¿quien da cuerpo á tan loca fantasia? ¿qué plan la engendra; qué temor la abona, hoy, que de las conquistas la corona quemá la sien á que se cñe un día?

De hermanos cariñosos pruebas dimos, y sin ver se ganamos e perdemos, fraternidad y amor sólo pedimos.

Ni esclavos ni señores pretendemos!

victimas que podia e que estes actos de humanidade foram apontados como crimes para com a Revolu- ção, na accusação que o levou á morte.» Foi realmente a benevolencia de Danton que o matou. Deixando escapar n'um dos seus dis- cursos a palavra clemencia, foi logo preso com Desmoullins, Lacroix e outros e condemnado á morte. O dia 5 d'Abri! de 1794 foi o da exe- ção dos dantonistas. Danton subi- u ao cadafalso com uma coragem sublime. Quando o carrasco impe- diu que elle abraçasse Herault tde Sechelles exclamou «Imbecil, não impedirás que as nossas cabeças se ajuntem.» O terror imperava, a Republica morria.

LUIZ FILIPPE.

señores, porque nunca los quisimos, y esclavos porque ya no los queremos.

MANOEL DEL PALACIO.

### A MANUEL DEL PALACIO

Não se domina, não! com fogo e espada a Nova Ideia e um povo que protesta! O Verbo pôde mais do que a granada. Não dura muito o que a Ração contesta.

Nós não cremos que a Hespanha nobre e ousada queira impor um grilhão que se detesta. Mas tem vermes a rosa immaculada. Também a Forca são d'uma floresta!

Nós não tememos, aíl forças estranhas, porque o Justo é mais alto que as montanhas, e nada humilha os corações dos bravos.

Nem vencidos, pois bem, nem vencedores! —Somos mui pobres para ser señores, e muito ativos para ser escravos.

GOMES LEAL.

### O que somos e ao que viemos

Apparecemos emfim. Apparecemos a despeito de todas as descrenças, de todos os commentarios e de todas as impossibilidades imaginosas. Apparecemos e cá estamos. Viemos de muito longe, tendo todavia andado muito pouco. Deixamos atraz de nós uma entidade anonyma e irresponsavel e viemos envolvermo-nos entusiasticamente na pugna tormentosa e permanente da politica do nosso paiz e em especial na politica inherente aos interesses economicos e materiaes e ao bem estar d'esta localidade.

Estamos muito atrasados. Nada temos que nos recomende nem como cidade, nem como capital de districto. Não temos ruas, nem estradas, nem passeios, nem outros melhoramentos; mas em compensação só imperam as imposições odiosas das facções e o clamor importuno das insignificantes rivalidades pessoas. Muito egoismo, muito desmazelo e um diluio de promessas descaradas e como epilogo relativo uma bachanal successiva e hereditaria em todos os municipios que tem administrado os negocios d'este concelho.

A nossa apresentação profundamente republicana e essencialmente democratica tem por consequencia toda a razão de ser. Os partidos monarchicos tinham todos n'este districto os seus orgãos na imprensa, e apenas ao partido dos *descontentes*, ao partido do povo, ao partido d'amanhã, não obstante o humanitario das suas convicções, escasseava-lhe um meio communicativo, um ecco clamoroso e extensivo da sublimidade do seu credo e da superioridade das suas intenções.

Veio o Povo de Aveiro, viemos nós com a intransigencia das nossas opiniões e com a imparcialidade de um justissimo criterio. levantar o espirito publico, elucidar os incautos despreocupados e formar a opinião indecisa em beneficio da estabilidade republicana e do futuro que se nos proporciona.

Os revezes da politica não nos atemorizam nem nos assoberbam. Somos do povó, d'esse mesmo povo para quem trabalhamos e ao abrigo do qual nos deixamos ir. Viemos talvez de muito baixo. Surgimos das vulgaridades desprezíveis e não possuímos reclames nobiliarchicos que abonem a nossa personalidade. Vá. Seja esta francamente a recepção officiosa dos nossos adversarios.

Ao que viemos e para que nos fizemos anunciar, dizem-n'os os precedentes que se nos antecipam, attestam-no a energia fulminante e inquebrantavel dos nossos principios, confirmam-no a attitudo altaheira e desempedida do nosso programma.

Seremos intransigentes em tudo e por tudo. A intransigencia é uma das feições mais accentuadas dos

caracteres nobres e dignos. Nas phalanges monarchicas não se encontram intransigentes, porque não existem convicções. E' a consciencia que firma as convicções e são as convicções que sustentam o caracter. São os intransigentes que dão a força moral a um partido, os que acreditam e levantam uma ideia, os que implantam emfim um principio.

Assim tambem acompanhamos o sentir e pulsar intimo dos nossos corações juvenis, o sentir d'esta ardente mocidade, que tem sido em todos os tempos a precursora audaciosa de todas as revoluções democraticas, que tem ido na vanguarda das grandes ideias e das grandes dedicações.

Não teremos outro evangelho que não seja este, nem outra religião que a que se baseia nos modernos processos scientificos.

Finalmente o Povo de Aveiro eil-o que surge para a lucia. Terão sempre n'elle um luctador porfioso todas as vezes que a causa de que se trata seja justa, levantada e razoavel. Será um escudo fortissimo do opprimido contra o oppressor, da verdade contra o erro, da liberdade contra o obscurantismo, do povo contra a aristocracia, da republica emfim contra todos os escandalos e prepotencias que em nome da realza constitucional nos vexam, aviltam e esterelizam.

Senhores monarchicos, a nossa apresentação está feita.

A. PONCE LEÃO BARBOSA.

### Declaração

E' possivel que alguém se admire de nós fugirmos ás praxes jornalisticas, não declarando hoje no nosso artigo de fundo qual é o nosso programma politico. Não o fazemos, porque julgamos inutil repetir o que já dissemos nas circulares, que enviamos aos nossos estimaveis assignantes. Apresentamo-nos francamente como republicanos, sem precisarmos afirmar se somos federaes ou unitarios, moderados ou radicaes, porque julgamos superfluo e impolitico estabelecer *matizes* n'um partido, que, estando na opposição, trabalha para um fim cominum, de proveito geral e em que todos estão d'accordo, que é a eliminção da realza. No uso pleno da nossa liberdade de pensamento entendemos que a monarchia é prejudicial á nossa autonomia politica e administrativa, á nossa dignidade, aos progressos, emfim, d'esta nação; e por isso saímos a campo a combatel-a, segundo um direito que a constituição nos garante, apontando ao mesmo tempo os erros e os crimes de todos os seus serviços, sem descermos nunca ao insulto grosseiro, vil, pequenino, em que a sua imprensa se tem tornado eximia. Somos republicanos e como taes deíenderemos os humildes e os fracos, pugnaremos pelas regalias do povo, iustigaremos com independencia todos os escandalos, queremos um governo, que segundo a sciencia, a moralidade, a economia se nos afigura o unico compativel com as necessidades humanas. Eis o nosso programma, eis a nossa politica.

Ao eminente escriptor dr. Theophilo Braga, bem como a todos os hossos colaboradores, agradecemos reconhecidos a honra que nos dão com os seus excellentes e auctorisados escriptos.

Ao nosso collega e amigo Magalhães Lima, um dos mais illustres filhos d'esta terra, agradecemos tambem com muito prazer as palavras affectuosas e lisongeiras, que nos dirige.

### O nosso noticiario

O Povo de Aveiro ao abrir esta secção está animado do desejo de dar uma feição nova, demo-

cratica e positiva á noticia, tirando-lhe o lado inutil e prejudicial e o incenso lorpa e piegas tão em voga no jornalismo contemporaneo e especialmente em jornaes de provincia.

O noticiario, segundo se deprehende dos periodicos em publicação n'esta cidade, tem por missão: —farejar na vida privada das familias,

—insufflar as vaidades idiotas, —adular, deprimir e ser banal.

Não tem a consciencia nem do seu dever, nem da sua utilidade, nem do fim para que se apresentam. Entregam-se invariavelmente á malidencia idiota do soalheiro como á benevolencia mercenaria da hypocrisia e d'ahi não se afastam d'ordinario.

O Povo de Aveiro não vem cá para seguir a rotina da maioria dos seus collegas na imprensa. Vem disposto a cumprir lealmente o seu dever, preenchendo uma lacuna que de ha muito se fazia sentir em a nossa pequena sociedade. Vem para affirmar incondicionalmente tudo o que está na alçada do dominio publico, sem considerações, sem sympathias, sem exigencias egoistas, mas com patriotismo, com franqueza e com desassombro. Vem finalmente para ser justo, para ser verdadeiro, para ser independente.

E o noticiario terá d'este modo a acceitação ampla e consentanea de todos os nossos correligionarios e de todos os caracteres rectos e imparciaes.

No dia 23 do corrente realisou-se nas salas do Club Henriques Nogueira uma sessão solemne para commemorar a fundação d'este Club.

As salas vistosamente adornadas, estavam cheias de damas e cavalheiros. Presidiu o sr. Silva Lisboa, e usaram da palavra algumas das principaes notabilidades da capital, sendo todos os oradores applaudidos com um entusiasmo indisciplinavel.

Em quanto lá dentro se festejava no meio da maior alegria o anniversario da criação d'um centro republicano, saracoteava cá fóra a policia, dando ao publico um espectáculo irrisorio.

Coitados!

Continua nas nossas possessões d'África o infame trafico da escravatura, sem que o governo se digno providenciar. A lei que aboliu este commercio é letra morta, por que as auctoridades que deviam fazer respeit-a são os primeiros a transgredil-a, sem que haja quem os reprima.

E' necessario que o governo faça respeitar a lei n'aquellas paragens, castigando rigorosamente os seus transgressores, tanto mais criminosos por serem os mantenedores da ordem, para não perdermos um vislumbre de prestigio que ainda lá conservamos. Sobre o assumpto diz o *Jornal de Mossamedes*:

«Temos n'este periodico dado a maxima publicidade, appellando até para a imprensa do reino, de haverem sido escravizados 11 pretos pescadores em Benguella com destino para S. Thomé.

O facto é publico, e o governo não pôde allegar que o desconhece.

Ha procurador em Lisboa para requerer a favor dos pretos e contra quem os escravizou, mas como o auctor d'este nefando crime é *commendador e juiz de direito* em Loanda, não ha lei, não ha governo que o processe.

Ser-lhe-ha pezadello constante a memoria de Manuel dos Reis.»

O movimento democratico cresce no Brasil d'uma maneira extraordinaria, publicando-se novos periodicos republicanos.

Realisou-se em Campinas no principio d'este mez um banquete republicano que foi concorridissimo, sendo levantados muitos brindes, incluindo um aos republicanos de Portugal

Da *Folha do Povo*: —«Constanos que durante o anno de 1881 foi enviado para Roma, ao papa, a quantia de 2:880\$000 rs. com que contribuiram os fanaticos catholicos do nosso paiz.»

E' uma quantia insignificante que ainda assim representa uma adhesão intima em beneficio do maior dos padres da igreja. São os filhos a darem de comer ao pae. Contribuição voluntaria dos pobres de espirito...

Em quanto se gastavam na recepção das magestades hespanholas centenas de contos, offerecendo-se-lhes os mais opiparos banquetes, morria de fome na travessa de João de Deus, em Lisboa, uma pobre mulher.

Que contraste!

As sessões parlamentares principiam agora ás 2 horas da tarde. Era melhor ficarem adiadas para o anno proximo.

Não achavamos desarrazoado que os deputados vencessem os *salarios* por empreitada.

Que zelo pelos interesses da patria!

O sr. Joaquim Antonio, deputado pelo Porto, votou ultimamente um *longo* discurso, apresentando o projecto d'um imposto eleitoral, em que os contribuintes de Lisboa e Porto, tanto ricos como pobres, não podiam ser eleitores sem pagar 3\$000 rs. e os do resto do paiz 1\$500 rs. cada um!

Que sapiencia! Que successor de Bismark! E' uma maravilha regeneradora!

Bateram-se em duello á espada o visconde de Altas Moras e o dr. Eugenio Barros, ficando o segundo levemente ferido.

N'uma freguezia d'este bispado ha um pastor celebre pelas suas *excentricidades*. Por exemplo: quando os seus parochianos desejam contrair matrimonio, não lh'o consente sem que antes d'este acto os conjuges o presenteiem, exigindo depois, além dos seus benesses, outra extorsão.

Quando os contraentes são pobres e não podem satisfazer *dignamente* a voracidade do seu pastor, este devolve aquillo que custa ás vezes muitos sacrificios, e especialmente com um cynismo revoltante as condições do presente com que as suas ovelhas devem mimoseal-o.

Como tudo isto é moralizador e edificante.

O *Correio da Noite* publica o seguinte trecho de uma carta que recebeu de S. Miguel:

«A familia Hintz vae-se *arranjando*; ultimamente foram anichados; o Manuel Rebello, em chefe de trabalhos braçoes e as filhas não sei em que padroado, cada uma (são tres, com 23\$000 réis mensaes; o dr. Teves Adão, tio do ministro, em secretario geral, aqui; o dr. Moreira, genro d'aquelle, em administrador d'este concelho; e o Hintz, primo do ministro, em escriptorio interprete da estação de saude. Que eu saiba falta só o velho Hintz e o Leopoldo Chaves, aquelle tio e este sogro do ministro, o primeiro por ser inglez, o segundo porque, por cauza da fallencia, anda homisiado.»

Do pão do nosso compadre grossa fatia ao afilhado.

O correspondente de Lisboa para a *Lucta*, do Porto, diz:

«O governo declarou extinto o convento das religiosas da Madre de Deus de Sá, na cidade de Aveiro, onde ultimamente houve um

fogo. A unica freira professa que n'elle existia vae ser recolhida em outro convento.»

Ignoramos o que ha de verdadeiro acerca d'este negocio. Um jornal que se publica n'esta localidade, escrevendo tambem n'este sentido affirmar que o convento é um pardiello proximo a desabar que pensava que depois do sinistro, a unica professa lá recolhida iria procurar um asylo em alguma dos mosteiros de senhoras recolhidas que existem n'esta cidade. Do facto assim não aconteceu. O convento tornou a ser occupado como anteriormente. Procederam-se a reparos, improvisaram-se concertos e mandou-se pedir dinheiro ao governo. Este respondeu, dizem, dando o mosteiro como extinto.

Ora consta-nos que o sr. vigario geral insinuara no animo do collaborador principal do *Districto de Aveiro*, que é um jornal todo ministerial, para que deixasse de pugnar pela saída da ultima freira do convento de Sá. O silencio que depois guardou a este respeito aquelle nosso collega parece comprovar, pelo menos apparentemente, tudo quanto suppozemos. Tanto mais que este facto coincide com a ida a Lisboa do sr. vigario geral d'este bispado.

Lê-se no *Districto de Aveiro*:

«Consta-nos que está mettido n'um processo o sr. prior da Oliveirinha, por ter praticado actos indecentes e vergonhosos na presença de algumas pessoas suas parochianas, e com escandalo publico.»

Isto vae tudo assim. O clero sem moralidade faz uma propaganda salutar em beneficio da igreja. Se elles dizem: *olha para o que eu digo e não para o que eu faço*. Sr. vigario geral, providencias.

Reuniram-se no dia 22 do corrente em assembleia geral os accionistas do Theatro Aveirense a fim de se discutir o relatorio e contas da actual direcção. Como de ordinario tem succedido, a discussão correu animada, divertida e picaresca, trocando-se galanteios palavrosos de parte a parte e insinuações pessoas e inconvenientes a ponto de em algumas occasiões chegar a degenerar n'um *charivari* irritante e n'uma perfeita hilariedade.

Sabe-se que por questões politicas foram hontem presos, no Porto, os srs. Luiz Fructuoso Ayres de Gouveia Osorio, Zeferino José da Cruz, Augusto José de Souza, Antonio Moreira da Fonseca, Antonio José Patricio, José Pereira Santo Amaro, Francisco de Sousa e Sá, e Manuel José Barreto, todos membros das commissões de recenseamento, d'aquella cidade.

Hoje sobe á scena no Theatro Aveirense o drama em cinco actos do sr. Pinheiro Chagas *A Morgadinha de Val-Flor* pela companhia do sr. Soares aqui estacionada ha cerca de dois mezes. O drama é já conhecido das nossas plateias e tem bastante merecimento litterario. O enredo está perfeitamente á altura do seu auctor.

A companhia, salvo dois actores, Soares e Amado, é muito irregular e não se recommenda. De uma companhia de provincia não se pôde exigir mais. Apresentam-se modestamente e sem reclames habilidosos.

São dignos da benevolencia do publico.

Lembramos á ex.<sup>ma</sup> camara a necessidade de mandar arborisar a estrada do Cojo que segue para a estação. Já em outro tempo a imprensa d'esta terra fez por varias vezes o mesmo pedido, porém a vereação transacta desatenciosa e egoista estava em pessimas condi-

ções acusticas. Fingiu não ouvir. Lá tem as suas razões. É do programma preterir os interesses e commodidades do publico em beneficio da politica.

Sempre monarchicos e sopeiros.

O sal da nossa ria tem agora tido pouca extracção. O movimento da barra tem sido diminuto e algum que sahe vae em wagons do caminho de ferro. O preço por que corre actualmente no mercado varia entre 27:000 a 28:000 reis o barco ou quatro moios. E' natural que para a proxima primavera o preço se eleve a 30\$000 reis o barco.

Reappareceu depois de alguns mœzes de suspensão a *Revista Nacional*, publicação politica, scientifica e litteraria, de que é collaborador e redactor unico o sr. dr. Lourenço d'Almeida e Medeiros.

Chamamos a attenção para o annuncio das machinas *Singer*, que vae na secção competente, do sr. Thomé Pereira Veiga com estabelecimento na rua de José Estevam n.º 75 a 79.

## ESPECTACULOS

THEATRO AVEIRENSE

Companhia dramatica portugueza sob a protecção de S. M. o Sr. D. Fernando e dirigida pelo actor Manuel Maria Soares.

Domingo 29 de Janeiro de 1882

A representação do drama em 3 actos, original do Ex.º Sr. Pinheiro Chagas

A MORGADINHA DE VAL-FLÓR

O espectáculo principia ás 8 horas.

## ANNUNCIOS

NOVA OURIVERSARIA

9 RUA DA COSTEIRA 9

1.º andar

N'esta officina executa-se com perfeição todos os trabalhos, tanto em ouro como em prata.

Garante-se em todas as obras feitas n'este estabelecimento um preço modico.

Todas as encomendas devem ser feitas a

José Eduardo Mourão

## AO PUBLICO

Eduardo Augusto Ferreira Osorio participa aos seus amigos e freguezes que, por escriptura publica lavrada nas notas do tabellião Fortuna, tomou conta do antigo e acreditado estabelecimento, que girava n'esta praça sob a firma de A. Pinheiro & C.ª, ficando a seu cargo todo o activo e passivo do mesmo estabelecimento.

O actual proprietario d'este estabelecimento, onde se encontram todos os artigos proprios da sua classe, e sobretudo de modas, espera merecer a protecção e a confiança que o publico sempre lhe dispensou.

Aveiro 27 de janeiro de 1882.

## NOVO ESTABELECIMENTO

DE

Crystaes, mobilia e mercearia

DE

JOSÉ MARIA DOS SANTOS

RUA DIREITA

AVEIRO

N'este estabelecimento encontra-se um grande sortimento de vidraça branca e de cór, molduras douradas e pretas, galerias, paters, stores, transparentes, copos, calix, garrafas, jarras, espelhos, candieiros e seus pertences.

O annunciante tem tambem á venda muitos artigos pertencentes ao ramo de mercearia, o que tudo vende por preços muito modicos.

## SINGER!

## GRANDE BAIXA DE PREÇOS

nas machinas da Companhia Fabril

SINGER

— Rua de José Estevão, 26 e 28 —

Acaba de abrir-se n'esta cidade um novo estabelecimento de machinas legittimas SINGER para familias, alfaiates, costureiras e sapateiros. Todas estas machinas se vendem tanto a prompto pagamento como a praso.

Grande abatimento nas vendas a prompto pagamento.

Em todas as machinas vendidas a praso dispensa-se a pres-tação de entrada, sendo o 500 reis semanaes seu pagamento feito a

Todos os pedidos devem ser feitos a JOÃO DA SILVA SANTOS, na rua de José Estevão, 26 e 28.

## MERCEARIA E CONFEITERIA

DE

Maria da Encarnação Mourão

AVEIRO

Neste estabelecimento encontra-se á venda doce de todas as qualidades, e uma grande variedade de vinhos e licores finos, gendra nacional e a genuina Fockink; assucares refinados, crystalisados e mascavos.

A annunciante satisfaz com promptidão e modicidade de preços quasquer encomendas de doce tanto para aqui como para fóra; garantindo a sua boa qualidade.

ANTIGA MERCEARIA

DE

FRANCISCO PAES

RUA DO ESPIRITO SANTO

Esta acreditada casa, cujo bom nome deve á seriedade das suas transacções, tem para vender uma variedade de vinhos finos engarrados, de diferentes preços; manteiga nacional e ingleza; o famoso queijo flamengo de casca vermelha; gendra nacional e a verdadeira Fockink; assucares finos, crystalisados e mascavos, e muitos mais artigos

Os srs. consumidores encontram n'este estabelecimento todos os generos acima da mais escrupulosa qualidade e por um preço modico.

## IMPRENSA NOVA

RUA DIREITA

AVEIRO

ESTE estabelecimento typographico recebeu uma linda variedade de typos e vinhetas, achando-se por isso habilitado para se executar n'elle quaesquer trabalhos concernentes á arte typographica, taes como:—mappas, facturas, bilhetes de visita participações de casamento, chancellas, memuranduns, prospectos, procurações, etc. etc.

Garante-se a perfeição de todos os trabalhos e por uma modicidade de preços sem competencia.

N'esta typographia imprime-se bilhetes de visita a 400 reis o cento, incluindo o cartão.

## SINGER! SINGER!

Machinas para coser, a prestações de 500 réis semanaes



Machinas para coser com 10 por cento menos, a prompto pagamento

QUALQUER QUE SEJA A MACHINA NÃO SE PAGA ENTRADA

As melhores machinas para costura que todo o mundo conhece e que nunca tiveram rival

## GUIDADO COM AS IMITAÇÕES

AS LEGITIMAS MACHINAS DE COSER SINGER

SÓ SE VENDEM NA

COMPANHIA FABRIL SINGER

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

(Em frente do edificio da Caixa Economica)

AVEIRO

PEÇAM CATALOGOS ILLUSTRADOS COM LISTAS DE PREÇOS

Vende-se algodões, torças, agulhas, oleo e peças soltas a preços baratissimos